



# PARA ELAS E POR ELAS: INICIAÇÃO ESPORTIVA NO FUTSAL PARA MENINAS DE 11 A 15 ANOS

**Palavras-Chave:** Meninas; Futsal; Pedagogia.

**Autores(as):**

**KAMILE PAES DELGADO, FEF - UNICAMP**

**Prof. Dr. SÉRGIO SETTANI GIGLIO, FEF - UNICAMP**

## INTRODUÇÃO

Muitos são os empecilhos que dificultam o acesso de meninas e mulheres ao esporte, seja no alto rendimento, no âmbito escolar e/ou até mesmo nas práticas corporais voltadas para o lazer. Zuaneti e Silva (2020), evidenciam principalmente a discrepância desta facilidade se levado em consideração as questões de gênero, onde segundo o Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, no Brasil, homens têm 28,4% de chance de serem mais ativos que mulheres. Este relatório ainda traz à tona o discurso de muitas mulheres que a falta da prática está vinculada ao fato destas “não gostarem” ou “não quererem” este envolvimento esportivo, demonstrando “uma ausência de valoração positiva nessa prática ao longo, sobretudo, de suas vidas escolares.”

Fatores históricos culturais contribuem diretamente para esta desigualdade, gerando assim uma sociedade marcada por preconceitos e pela marginalidade das mulheres no futebol/futsal que são evidenciados até os dias de hoje, tornando o meio esportivo dominado pela toxina do machismo, pautado em valores sexistas e nas relações de gênero como uma forma de poder, tendo como modelo o futebol masculino e de alto rendimento. (REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, 1941; GOELLNER, 2006; SANTOS SILVA e NAZÁRIO, 2018; ZUANETI e SILVA, 2020; SCHULTZ, 2021).

Nas escolas e ambientes de aprendizagem (como escolinhas de futebol), mesmo que já se reconheça que meninas e meninos devem ter as mesmas oportunidades de aprendizagem e vivência, as estratégias pedagógicas utilizadas muitas vezes acabam por transformar estas em culpadas, já que historicamente a modalidade é deles. Sendo assim, “as normas de gênero produziram não somente o interesse e o desinteresse pelos futebóis, mas os tensionamentos nas aulas mistas, as autorizações para os garotos serem agressivos e autoritários, bem como os consentimentos de muitas meninas”, despertando o próprio desejo dessas de não estarem ali e a sensação de não pertencimento. Ainda, as meninas que acabam indo contra essa situação, são vistas como propulsoras de conflitos, além de sofrerem com preconceitos vinculados a suas sexualidades e/ou sobre seus corpos e os “risco” de ficarem “masculinizadas”. (SCOTT, 1995 citado por SOUZA e DARIDO, 2002; ZUANETI e SILVA, 2020; SCHONARDIE, JORAS, BURCH e SANTOS SILVA, 2023).

Faz-se necessário, portanto, a busca por formas de aumentar a visibilidade e permanência das mulheres dentro do futebol/futsal, e para isso, apresentá-las o mais cedo possível ao esporte e levantar discussões sobre preconceito e discriminação a fim de evitar estes, parece ser uma boa estratégia. Mas, como construir uma pedagogia que se afaste da gramática esportiva tradicionalmente masculinizada e que

cumpra com estas exigências para atrair as meninas para o esporte em questão? (FERNANDES e ALTMANN, 2020; SCHONARDIE, JORAS, BURCH e SANTOS SILVA, 2023).

Assim, este projeto de pesquisa teve como intuito, ao atrelar a pesquisa científica com ações concretas de mudança e transformação da realidade dessas meninas, a criação de uma turma feminina de futsal para meninas de 11 a 15 anos, feita e pensada para elas, e nesta, assim como Zuaneti e Silva (2020, p. 12) comentam, “considerar a existência de diferenças implica, no processo de sistematização das propostas pedagógicas do esporte, uma arte de ajustar, motivar e aprender junto com as alunas”.

## **METODOLOGIA**

O método utilizado neste trabalho foi a “pesquisa-ação” que, de forma geral, pode ser descrito como uma intervenção por meio de pessoas implicadas no processo investigativo que destaca a participação para que ocorra uma mudança da realidade do grupo estudado. Assim, formou-se a partir da Extensão de Esportes Coletivos da Faculdade de Educação Física da Unicamp, uma turma de futsal para meninas de 11 a 15 anos, cujo objetivo era que a partir da vivência prática e com a construção deste espaço seguro somente com mulheres, feito e pensado para elas, pensássemos formas de inserir as meninas no futebol/futsal, permitindo que venham para a prática e dando a elas o pertencimento à modalidade. (BALDISSERA, 2001; THIOLENT e COLETTE, 2014).

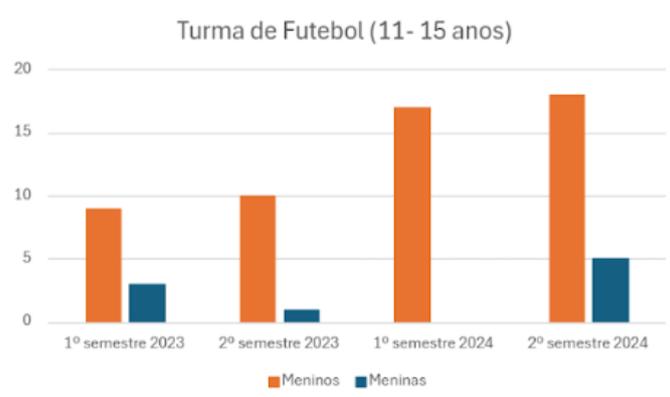
Aliado ao processo de intervenção, foi essencial buscar conhecimento e sistematizar as informações levantadas do tema e da população pesquisada, para compreender e auxiliar nos processos educativos e nas oportunidades de esclarecer questões gerais, de acordo com o contexto ali vivenciado. Assim, ações foram pensadas para garantir maior eficácia neste processo, sendo feitas entrevistas com algumas alunas na última semana de aulas, para verificar as percepções que estas tiveram ao longo do semestre e utilizarem as entrevistas para expor seus sentimentos, desejos e o que sentem em relação ao esporte, as aulas, locais de prática, etc. As entrevistadas assinaram “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido”, enquanto seus pais/responsáveis fizeram o mesmo com o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. (BALDISSERA, 2001; TRIPP, 2005; THIOLENT, 2014).

A cada fase desta pesquisa e com o decorrer das aulas, surgiram amplas possibilidades de construção e discussão a respeito da pedagogia e do método de ensino que guiaram as aulas, despertando dúvidas e críticas construtivas a pesquisadora/professora que são essenciais na produção de conhecimento (THIOLENT, 2014). Assim, na turma de futsal estudada, valorizamos o trabalho em conjunto com as alunas na organização de grande parte das aulas ministradas, a fim de tornar estas atrativas a elas e despertar o interesse no esporte nesta fase de suas vidas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos projetos de extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp, ocorreu a formação da turma de futsal para meninas de 11 a 15 anos, onde o primeiro resultado já se destaca pela adesão e inscrições nesta. Nas turmas de futebol mistas (para meninas e meninos), oferecidas para a mesma idade e ao longo dos últimos quatro semestres, a participação de meninas foi baixa ou até mesmo nula, tendo pouquíssimas inscritas por semestre (sendo que os professores responsáveis relataram que estas

frequentaram poucas aulas e não se mantiveram ao longo deste período). Segue tabela comparativa entre gêneros de inscritos na respectiva turma:



Já com a abertura da nova turma de futsal exclusivo para meninas, o número de inscritas subiu para 18 em apenas um semestre, contando com uma média de 12 meninas participando ativamente das aulas ao longo do semestre, de acordo com as documentações de aula feitas pela pesquisadora.

Assim, mesmo que consideremos os avanços de oportunidades e de incentivo a meninas e mulheres no esporte, os tensionamentos nas aulas mistas ainda aparecem e causam desconfortos nas meninas, principalmente em esportes marcados socialmente pelos preconceitos relacionados ao gênero, como o futebol e o futsal que aqui são debatidos. Dessa forma, relatos das próprias alunas enfatizam como ainda a violência de gênero e o medo daquilo que não parece “ser para elas”, moldam suas escolhas e participações em determinados meios de práticas corporais. Abaixo, destaca-se algumas frases marcantes das mesmas sobre o tema, a partir do questionamento sobre a participação das aulas mistas oferecidas pela extensão e como eras suas experiências anteriores jogando:

*“Se eu errar uma coisa, as pessoas vão começar a falar mal de mim, vão começar, tipo... Não sei, podem me xingar, fazer alguma coisa assim. Eu ficava com muito medo. Então eu acabava não... Querendo me arriscar tanto.”*

*“A gente estava lá... A gente não tinha tanto... Oportunidade? Oportunidade, sim, e... Vinha um montão de meninos jogar. E a gente não tinha... Não tinha espaço.”*

*“Acho que eu só não gosto porque na minha escola os meninos são muito... Nesse ponto eles não deixam as meninas jogarem. Eles ficam falando muita coisa ruim da gente...”*

*“Aí eu estava lá no time e eles me colocaram na frente do gol. Eles falaram que não era para deixar eu passar nenhuma bola. Eu deixei passar todas as bolas. Aí o menino veio em mim e mandou eu sair da quadra...”*

*“Na minha escola tinha (futsal), só que geralmente tinha muito menino, e sei lá, eu me sentia meio desconfortável assim às vezes porque eles, as pessoas da minha escola antiga, né, eles julgavam muito, se você sabia ou não jogar, principalmente os meninos...”*

Em contrapartida, em meio a tantas desmotivações, o aumento do interesse das meninas pela modalidade parece estar inicialmente atrelado às companhias que compõem o ambiente de aprendizagem. O fato de a turma ser exclusivamente para meninas, apesar de não garantir que outros riscos e desconfortos possam aparecer, gerou a ideia de acolhimento e entendimento entre pares, destacando-se ao final do semestre, tanto pelas observações de campo da pesquisadora quanto pelas falas nas entrevistas com as alunas, a importância deste ambiente igualitário e que traga segurança e confiança para o ensino-

aprendizagem. A partir das entrevistas, frases como: “Uma das coisas pra eu poder começar a jogar futebol, futsal, foi minhas companhias...”, “acho que as meninas às vezes são mais acolhedoras do que os meninos em certas partes” e “E as aulas são diferentes daqui dos outros lugares porque é só para as meninas, então eu me sinto mais confortável”, reforçam a necessidade da construção de ambientes esportivos pensados para elas.

Dessa forma, percebe-se que em primeiro lugar, para uma prática pedagógica efetiva e que desperte o pertencimento às praticantes, o chamado ambiente seguro deve, a partir desta perspectiva, caracterizar-se como um local de acolhimento e de identificação para as alunas, já que percebemos que a aprendizagem destas precisará ir além do técnico-tático, mas também trazer à tona a construção da confiança e autoeficácia dentro da modalidade que tanto as violentou até o momento.

Quanto a estrutura de aula, a partir das entrevistas e das observações práticas em campo, a valorização do jogo e seus componentes se destaca, tais como regras e conhecimentos táticos, mas sempre valorizando a opinião e questionamento da aluna, pois o que para muitos é “óbvio”, para elas é novidade e deve ser considerado e debatido sempre que possível. Essa atenção direcionada se destacou ao longo do processo de ensino, sendo considerada um diferencial nas aulas, muito atrelado a falta de suporte e de desenvolvimento pedagógico que as alunas relataram encontrar em outros ambientes de aprendizagem. Falas como “Fica uma bagunça. E as meninas do oitavo não tocam. E o professor não fala nada. Elas brigam, elas xingam a gente, e o professor não fala nada...” e “Antes, eu achava que a pessoa que me ensinava, né, não sabia muito o que que estava fazendo... Só fazia jogar e falava, vai, isso aqui, isso aqui e pronto...”, reforçam a partir dos relatos de experiência anteriores das alunas, o quanto precisamos cada vez mais aprimorar o trabalho pedagógico e os métodos de ensino dos treinadores/as, principalmente com grupos socialmente desfavorecidos.

## CONCLUSÕES

A partir das análises feitas, tanto pelas documentações e vivências práticas nas aulas ao longo do semestre, quanto pelas entrevistas realizadas ao final deste, percebe-se a importância de iniciativas e práticas pedagógicas mais abrangentes e focalizadas, a depender do contexto em que se encontra o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, a proposta deste trabalho em construir e pensar em uma pedagogia própria para meninas no futsal, a partir dos dados até aqui levantados, se apresenta muito pertinente, entretanto, pouco abrangente, já que a turma e as ideias até aqui levantadas dizem respeito a apenas um grupo e em nível iniciante, mas, já se apresentam como potencialidades a serem debatidas em novos contextos de ensino e de níveis de prática.

Assim, é essencial novos desdobramentos a partir deste trabalho, buscando entender o futebol de mulheres e meninas em diferentes facetas, reconhecendo a diferença pedagógica que cada contexto irá apresentar, possibilitando assim, a partir destes diferenciais e especificidades, sistematizar conteúdos e princípios essenciais para o ensino de meninas no futsal nos seus mais variados níveis.

## BIBLIOGRAFIA

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001.

FERNANDES, Simone Cecilia; ALTMANN, Helena. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (org). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Natal: EDUFRN, 2020. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v. 6). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/1/6222> . Acesso em 3 fev. 2023.

FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência** Ano XX, Nº 30, P. 28-43 Jun./2008.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática** 8/1: 85-100, Jan./Jun. 2005

SANTOS SILVA, A. L.; NAZÁRIO, P. A. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(1): e40862.

SCHONARDIE, M. G.; JORAS, P. S.; BURCH, M. e SANTOS SILVA, A. L. “Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 35, n. 66, p. 01-17, 2023. Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA JÚNIOR, O. M. e DARIDO, S. C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz** Jan-Abr 2002, Vol.8 n.1, pp.1-9

THIOLLENT, M. J. M. e COLETTE, M. M. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 36, n. 2, p. 207-216, July-Dec., 2014.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ZUANETI MARTINS, M.; SAURIN SILVA, B. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Revista Pensar a Prática**. 2020, v.23:e59259.